

Como Cunhar as Próprias Moedas? Parte 2

A provocação de Ana Cople sustenta sua investigação poética e política. Sua pesquisa articula, de uma forma precisa e preciosa, a reflexão sobre o tempo, o dinheiro, a valoração do trabalho, a precificação da existência e a finitude na contemporaneidade. O valor dos metais, o valor do ouro, o valor do aço é um assunto especial para a artista, que nascida na Cidade do Aço, em Volta Redonda (RJ), carrega consigo o universo imagético siderúrgico, visto que na heráldica da cidade há dois ciclopes sobre uma bigorna, portando marretas. Ana é testemunha do minério de ferro sendo processado, passando num laminador de aço, num movimento de repetição. O laminador também se faz presente na prensa de gravura. “Um ateliê de gravura é uma pequena indústria”, diz a artista. E a repetição serial do capital padroniza a experiência, convertendo a arte em fluxo circulatório e anestesiando nossa percepção do tempo.

Sua interrogação ressoa uma sociedade interrupta e nos aproxima da tradição pictórica das *Vanitas*, onde todo um repertório visual nos leva às ideias do múltiplo e da circulação de cópias. A artista investiga a moeda não apenas como valor financeiro, mas como matriz de poder que normatizou fluxos de mercadorias, violentou corpos e que o Ocidente construiu seus mitos. Matriz também é a palavra. A operação central da exposição **Como Cunhar as Próprias Moedas? Parte 2** reside no gesto do gravar. Cabe a lembrança que histórica e tecnicamente, a gravura im.pulsionou a reprodutibilidade

Contudo, ao apropriar-se do “processo de sulcar”, Ana Cople desvia a reprodutibilidade de seu fim mercantil. E esse gesto

cortante que marca a matriz tensiona toda uma iconografia colonial e deixa de ser mero instrumento de padronização e passa a funcionar como uma incisão crítica na história.

Bárbara Copque

setembro de 2026